



O médico Protásio da Luz volta ao Brasil para prosseguir na pesquisa

Brasileiro pesquisa infarto nos cães

Silvio Boccanera

(Especial para o JB)

Los Angeles — Numa das salas do Centro de Pesquisas do Hospital Cedars-Sinai, o cardiologista brasileiro Protásio da Luz segura o coração de um cachorro na mesa de operações.

O animal está vivo, anestesiado e o coração bate normal. O médico ergue uma das artérias coronárias, passa um elástico em volta dela e dá um nó. Fechada a artéria, o sangue não passa. O coração se agita, muda de cor, acelera o ritmo das batidas. O cachorro está tendo um infarto.

A REAÇÃO ANIMAL

A experiência repete-se quase diariamente pelo Dr Protásio e seus assistentes. É o trabalho paciente de reunir dados sobre o infarto e a reação do animal a diferentes tratamentos.

"Na hora crítica, o infarto é o mesmo para o homem e o cachorro. A diferença é que a coronária humana vai fechando sozinha, aos poucos, através dos anos, por causa do acúmulo de detritos no sangue, como a gordura, por exemplo".

É justamente a hora crítica do infarto que o Dr Protásio está pesquisando neste hospital com o objetivo de descobrir o que pode ser feito para ajudar o ser humano durante um ataque do coração e nos momentos logo após.

"É a fase mais crítica do tratamento cardíaco. O impacto do infarto para o coração é muito forte e na hora em que ele vem a vítima passa por sua pior fase. Se conseguir resistir dos primeiros, digamos, 10 minutos, suas chances são melhores de sobreviver ao ataque cardíaco".

OS RESULTADOS DA PESQUISA

O Dr Protásio da Luz, nascido em Curitiba, testa no cachorro diversos tratamentos durante o fechamento da coronária e nos momentos que se seguem, procurando descobrir assim o que pode ser aplicado ao homem nas mesmas circunstâncias.

A pesquisa está quase encerrada na parte de laboratório e faltam apenas alguns testes para que o médico comece a escrever as conclusões finais.

A droga dopamina, por exemplo, tem sido usada com certa apreensão na fase aguda do infarto porque os efeitos que

ela provoca no coração ainda não tinham sido estabelecidos. No entanto, conforme as experiências nos cachorros, a droga só altera o metabolismo cardíaco se o entupimento das artérias coronárias for total. Ou seja, o efeito da dopamina é benéfico em casos de oclusão parcial das coronárias.

Para estabelecer esta e outras conclusões, o médico brasileiro passou meses numa tarefa de rotina diária com seus assistentes no laboratório. "Pesquisa é um processo que exige paciência para que os resultados possam ser avaliados com precisão e colocados em prática.

E não é só paciência, admite o médico, mas também muito de investimento. Pelo menos o suficiente para manter um cardiologista em tempo integral em um projeto, sem precisar correr atrás de vários empregos para sustentar a família. O projeto do Dr Protásio da Luz é financiado pelo Hospital Cedars-Sinai e pela Universidade da Califórnia em Los Angeles — UCLA.

DE VOLTA

Ainda este ano o Dr Protásio volta ao Brasil, estabelecendo-se em São Paulo, onde pretende prosseguir com algumas de suas experiências no Instituto do Coração.

"Pesquisa médica ainda não é uma tradição no Brasil e poucas entidades lá estão dispostas a financiar um projeto desse gênero. É pena porque há cardiologistas de alto nível no Brasil". Apesar de seu envolvimento em um projeto altamente especializado em cardiologia, o Dr Protásio acha que o grande desafio ao médico no Brasil é vencer uma barreira de desconhecimento do grande público sobre as doenças do coração.

"Ao contrário do que muitos pensam, brasileiro não sofre só da doença de Chagas e da subnutrição. Deficiência coronária não afeta apenas a gente rica; pobre também tem coração".

Para o cardiologista brasileiro, o ideal é educar as pessoas sobre os sintomas básicos das doenças coronárias, ensinando-lhes não apenas como agir na hora do infarto (massagem no peito, respiração boca a boca), mas também no dia-a-dia, através de hábitos adequados, como não fumar, evitar as tensões, comer sem excessos e praticar exercícios.